



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTORIA E GEOGRAFIA
CURSO DE HISTÓRIA**

MARIA DO SOCORRO NASCIMENTO LOPES

EM NOME DE DEUS E DO POVO: CELEBR(AÇÕES) DE UMA VIDA

**Campina Grande-PB
2009**

MARIA DO SOCORRO NASCIMENTO LOPES

EM NOME DE DEUS E DO POVO: CELEBR(AÇÕES) DE UMA VIDA

**Trabalho Acadêmico Orientado apresentado
à Universidade Federal de Campina Grande-
UFCG, para encerramento do componente
curricular e conclusão da graduação em
História.**

Orientadora: Prof^ª. Dra. Regina Coelli Nascimento

**Campina Grande-PB
2009**



Biblioteca Setorial do CDSA. Abril de 2024.

Sumé - PB

MARIA DO SOCORRO NASCIMENTO LOPES

EM NOME DE DEUS E DO POVO: CELEBR(AÇÕES) DE UMA VIDA

Aprovada em: _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Nota _____

Prof.^a Dr.^a Regina Coelli do Nascimento
(Presidente – Orientadora)

Nota _____

Prof.^a Rosemere Olímpio Santiago
(1^a Examinadora)

Nota _____

Dr.^o Roberval Santiago
(2^a Examinador)

Dedicatória

A Deus, que em todos os momentos da minha vida deu-me forças para superar os momentos difíceis, e, sobretudo vida e saúde para participar dos momentos felizes.

A meu esposo Wilson Feitosa Lopes, pelo carinho, paciência, compreensão...

As minhas filhas Mayra Nascimento Lopes e Mayara Nascimento Lopes, as quais tanto amo.

Aos meus pais, Everaldo da Silva Dias e Benedita do Nascimento Dias, por me proporcionarem esta alegria.

Aos meus irmãos Carlos, Mônica, Márcia, Mércia, Magna, Wellyngton, Alexandro, Marleide, Marcela e Everaldo.

Agradecimentos

Á Deus, pela sua presença em minha vida e pela concessão dessa vitória.

A minha família pelo amor, carinho, incentivo e apoio em todo o momento.

A minha orientadora Professora Dra. Coelli Nascimento, pelas orientações, dedicação e pelo exemplo de amor à profissão.

A todos os mestres que contribuíram para que eu chegasse a conclusão deste Curso.

A banca por abraçar o meu convite e participar junto comigo dessa etapa da minha vida. Recebam meus sinceros agradecimentos.

A todas as pessoas que caminharam junto comigo durante esta jornada, oferecendo carinho, amizade, companheirismo solidariedade: Bisneta, Simone, Eli, Socorro Gouveia, Francisca, Ana Claudia, Ana Paula, Josiane, Marta, Rosângela, Marinalva, Ana Maria, Daniel, Espedita, Cleidimar, Maricele, Úrsula, Anderson, Charles, Lindalva, entre outros.

Um agradecimento todo especial a Andréa pelo apoio e colaboração imprescindíveis.

A todos os funcionários da UFCG pela dedicação.

As secretárias Ana e Rosa pela atenção e amizade.

Enfim, a todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo realizar uma pesquisa biográfica acerca da vida do Pe Ruy, religioso que viveu grande parte de sua vida na cidade de Areia. Partindo da idéia de que a biografia se apresenta como mais uma possibilidade ao historiador uma vez que nos revela formas de compreender a vivências do biografado e o contexto histórico no qual ele está inserido. A biografia vem tomando um grande espaço nas discussões acadêmicas, visto que as novas abordagens deram a elas uma outra roupagem. Nosso interesse parte da idéia de que seria preciso um novo trabalho sobre a vida do biografado que abordasse novas visões acerca do religioso e suas relações sociais e com a política.

Palavras-chave: Biografia, Religião, Política.

Sumário

Resumo.....	1
1. Introdução.....	02
2. “Ministro de Cristo e distribuidor dos ministérios de Deus”. Padre Ruy chega à cidade de Areia Padre Ruy chega à cidade de Areia.....	04
3. As muitas faces do religioso: Um passeio pelas obras e memórias de um padre.....	17
5. Considerações Finais.....	30
6. Referências Bibliográficas.....	32

Imagem da cidade Areia na época em que o Padre Ruy chega à cidade.

Foto 1:



Imagem cedida pelo Museu Regional da cidade de Areia

Introdução

Este trabalho é resultado de uma pesquisa sobre a vida do Monsenhor Ruy Barreira Vieira, cearense do Vale do Jaguaribe, morador da cidade de Areia no período de 1949-2008. A escolha do tema referido está ligada à curiosidade de entender as estratégias utilizadas pelo mesmo para construção de obras na cidade e como foi sendo construída a sua imagem pelos biógrafos e pela a população durante sua permanência na cidade de Areia-PB.

Padre Ruy é considerado um religioso, que se destacou entre os outros na cidade de Areia, em função das obras sociais por ele realizadas. Buscar na história entender como e por quais motivações ocorreu a construção da imagem de benfeitor em sua trajetória na pequena cidade do interior, conhecida como terra da cultura é o principal objetivo deste trabalho monográfico.

A trajetória de sua vida foi biografada por vários autores todos amigos do Padre. Nestes trabalhos percebe-se que os autores privilegiaram suas atividades sociais, esquecendo outros aspectos. Para esta pesquisa temos como referência os autores: Francisco Tancredo Torres (1989) Maria Auxiliadora Carvalho e Silva Guedes (2005) e Domingos de Azevedo Ribeiro (2003) Como referência teórico-metodológica utilizamos Geovanni Levi (2001) e Vavy Pacheco Borges (2001) no que se refere ao uso da Biografia na atualidade.

Francisco Tancredo (1989), em seu livro intitulado “Areia, Paróquia e Pároco-40 anos”, apresenta de forma sucinta a vida de Padre Ruy desde seu nascimento até o ano em que seu livro foi lançado. Para os outros que escreveram sobre o Padre, acreditavam que o livro de Tancredo Torres apresenta uma das mais completas biografias de Pare Ruy, pois além de trazer uma linguagem simples, com diversos aspectos daquela comunidade, torna uma leitura agradável.

Maria Auxiliadora (2005) em seu livro “Monsenhor Ruy Vieira 60 anos de sacerdócio e cidadania” apresenta uma complementação e reafirmação de tudo que foi dito por Torres, com um acréscimo de mais seis anos de atuação do Padre, Ruy e de uma icnografia, que registram os vários momentos de sua vida.

Neste trabalho apoiando-se na imagem que foi construída de Padre Ruy como religioso, devoto, construtor, educador e missionário buscaremos analisar elementos que possam justificar os adjetivos acima citados.

Foi uma ousadia de nossa parte escrever sobre um Padre que foi venerado por tantas pessoas de forma diferente. Durante esta pesquisa, sentimos muitas dificuldades, pois não desejava apenas reafirmar o que já havia sido escrito.

No decorrer desta pesquisa, percebemos que nos documentos escritos não encontraríamos narrativas que me ajudasse a questionar o material que estava analisado e só por meio das pesquisas orais realizadas sobre Padre Ruy, foi possível, porque observamos que a sua imagem não era de uma pessoa “perfeita”, sem defeitos, pois ele se apresentava também com falhas humanas, quando era tachado de elitista, quando tinha ambição de se projetar e fazer uma bela carreira.

Organizamos o trabalho da seguinte maneira. No capítulo I denominado “Padre Ruy chega à cidade de Areia”, analiso o momento da chegada do Padre a cidade de Areia, na Paraíba, apresentando em linhas gerais sua vida antes e depois da sua chegada, discutindo sobre as narrativas que foram construídas em torno de sua pessoa, procurando problematizar os acontecimentos da vida de um indivíduo, diferentemente da biografia tradicional.

O capítulo II foi intitulado de “As muitas faces do religioso: Um passeio pelas obras e memórias de um padre”. Neste capítulo problematizamos como os biógrafos narram sobre as obras sociais realizados pelo padre que elevaram a categoria de “benfeitor”, observando as estratégias utilizadas pelo padre na execução dessas “obras” e os discursos que emergiram sobre atividades na cidade, para isto fizemos uso da história oral para perceber este período nas versões de pessoas que viveram esse momento que o padre atuou em Areia.

Foto 2:



Monsenhor Ruy Vieira em frente a banda Marcial do Colégio Carlota Bandeira

Pc Ruy no centro da cidade de Areia com a Banda Marcial da Escola Carlota Barreira fundada pelo mesmo.

Capítulo I: “Ministro de Cristo e Distribuidor dos Ministérios de Deus”. Padre Ruy Chega à Cidade de Areia

Paraíba, “pequenina e boa”, que tem dado à Pátria valorosos filhos! Alguns descidos da majestosa Serra que ostenta a radiosa Areia, altaneiramente plantada no dorso da Borborema, embelezada por exuberância flora, paraíso da passarada que desperta o dia com seu mavioso canto, onde a poesia e a arte se entrelaçam dando à denodada terra o esplendor que só a cultura, em sua vivência, pode oferecer¹

As palavras da autora são carregadas de elogios à cidade de Areia e dão forma a um pensamento que norteou a sociedade ao pensar viver na “terra da cultura”. Areia² sempre foi lembrada como uma terra de homens ilustres, como o pintor, escritor e político Pedro Américo de Almeida, como terra do ex-governador do Estado e escritor da obra regionalista “A Bagaceira” José Américo de Almeida. Este clima de nostalgia com o qual a autora fala da cidade de Areia, nos remete a um tempo em que a cidade recebeu um novo morador que se autodenominou como “Ministro de Cristo e distribuidor dos ministérios de Deus”³ e passou a ser considerado como mais um homem “ilustre” que iria realizar benfeitorias na cidade.

Nesse trabalho buscamos analisar algumas obras de autores que escrevem sobre a vida de Padre Ruy, a exemplo do livro escrito por Domingos de Azevedo Ribeiro⁴ (2003) intitulado “Monsenhor Ruy Vieira, Pároco Emérito de Areia”, o livro de Francisco Tancredo Torres⁵ “Areia, Paróquia e Pároco 40 anos”(1989) o livro de Maria Auxiliadora Carvalho e Guedes⁶ “ Monsenhor Ruy Vieira 60 anos de sacerdócio e

¹ GUEDES, Maria Auxiliadora Carvalho e Silva. Monsenhor Ruy Vieira, 60 anos de sacerdócio e cidadania. João Pessoa: Editora, Imagens e Idéias, 2005, p.31-32.

² Areia está situada no Estado da Paraíba que surge somente no final do século XVII quando se tem início o intercambio comercial entre o litoral e o sertão, como ponto de pouso para essa linha de comércio. Em 18 de maio de 1815, a então freguesia de Nossa Senhora de Conceição viu-se elevada ao status de Vila, criou-se então, por alvará régio, o município de Brejo de Areia, desligado administrativamente de Mamanguape em 28 de julho desse mesmo ano de 1815; chegou à categoria de cidade em 30 de agosto de 1818, mas apenas se emancipou politicamente em 18 de maio de 1846.

³ Livro de Tombo da Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição Areia-PB, 09 de outubro de 1949.

⁴RIBEIRO, Domingos de Azevedo. Monsenhor Ruy Vieira, Pároco Emérito de Areia.

⁵TORRES, Francisco Tancredo. Areia, Paróquia e Pároco 40 anos, p.13-365

⁶Idem, Ibidem: 33p.

cidadania”(1995) e o livro de Severino Cavalcanti de Albuquerque⁷: “Um sacerdócio descrito em versos”(1995).

Tomando essas obras como fontes principais e norteadoras do nosso estudo, enveredemo-nos pela vida de Padre Ruy e dessa forma problematizaremos como os autores construíram imagens sobre o Padre de forma a considerá-lo um homem desprovido de defeitos, apenas qualidades e virtudes.

O livro do historiador Tancredo Torres apresenta uma das mais completas biografias de Padre Ruy. Entre as fontes pesquisadas para a elaboração de seu trabalho, Torres utilizou o arquivo particular do Padre, anotações pessoais⁸ feitas por ele próprio com a finalidade de descrever os fatos de sua vida antes de chegar a Areia.

As memórias pessoais organizadas em depoimentos autobiográficos, nos quais os sujeitos analisam e comentam seu percurso individual, são fontes no esforço de reconstruir e compreender tanto os inúmeros aspectos presentes no processo de constituição de história de cada sujeito, quanto às injunções históricas e culturais dominantes em determinada época e contexto cultural⁹.

Torres foi um dos escritores que elaborou uma narrativa sobre a vida de Padre Ruy possibilitando a construção de uma obra sem preocupações de estabelecer uma leitura crítica e problematizada da vida do Padre, Sua intenção era descrever seus feitos e acontecimentos em que o Padre estava envolvido. O próprio autor admite quando, afirma:

A missão de analisar com profundidade a ação educacional e social de Padre Ruy, bem como a de biografá-lo, caberá a outro. Aqui está apenas um relato de obras e fatos.
(TORRES, 1989, p.7).

A respeito do trabalho biográfico Giovanni Levi explicita que devemos abordar o material biográfico de maneira problemática, rejeitando a interpretação unívoca das trajetórias individuais, estimulando a reflexão entre historiadores levando-os a utilizar

⁷ALBUQUERQUE, Severino Cavalcante. Um sacerdócio descrito em versos.

⁸Por ele não ser areiense não existe nenhum familiar para interrogá-lo, se há fontes sobre sua vida antes de chegar a Areia já que se encontra no Museu Regional, fica aberto só para exposição e não para pesquisa Conforme Torres, Jaguaribe é uma cidade do Ceará situada à margem do Rio do mesmo nome que era considerado o maior rio seco do mundo, nome indígena que no tupi-guarani significa “no rio das onças”. Está localizado na zona fisiográfica do “Sertão do Médio Jaguaribe” e sua sede distante 300km de Fortaleza, a capital do estado (TORRES,1989, 27p).

⁹ REGO, Teresa Cristina & AQUINO, Júlio Groppa & OLIVEIRA, Marta Kohl de. Narrativas autobiográficas e constituição de subjetividades. IN SOUZA, Flizeu Clementino (org). *Autobiografias. histórias de vida e formação*: pesquisa e ensino. Porto Alegre, EDIPURCRS: EDUNEB, 2006.

as formas narrativas de modo disciplinado e a busca de técnicas de comunicação mais sensíveis ao caráter aberto¹⁰.(LEVI, 1989,169 p.).

Percebemos no decorrer de sua obra, que há apenas relatos da vida do Padre, ações realizadas pelo mesmo na cidade, durante os 40 anos como Pároco da cidade, momento em que o livro foi lançado, a visão de um amigo acompanhado de elogios e acontecimentos que marcaram a vida do Padre durante a sua formação e atuação na Paróquia de Areia.

Este estilo de narrativa biográfica tem sido alvo de reflexão, segundo Vavy Pacheco Borges, antes de serem apresentadas às novas discussões sobre as biografias, elas eram escritas em forma de narrativas, não permitindo que o autor dialogasse com a história de vida do personagem biografado e para revelar esse quadro foram colocadas à prova novas formas de análises biográficas desta maneira permitindo o escritor não se prender apenas a uma nova narrativa e sim poder problematizá-la através de documentos escritos no desenrolar da discussão e dos acontecimentos. E para este autor pode-se afirmar que não existem regras ou métodos indiscutíveis para se escrever a história de uma vida, ou seja, para se produzir uma biografia. (BORGES, p 204).

Percebemos que os biógrafos que escreveram sobre a vida de Pe. Ruy não pouparam elogios aos trabalhos realizados pelo mesmo. Eram amigos e amigas que não quiseram demonstrar possíveis fragilidades do religioso. Por essa razão, dificulta-se o acesso a sua vida pessoal, quando ainda não era padre, por exemplo. As biografias seriam apenas um olhar de reconhecimento de obras e ações sociais em um momento em que a cidade de Areia estava sendo elevada à categoria de Patrimônio Histórico Nacional, portanto, para os autores e também para a população o Padre teria contribuído para esse reconhecimento:

Pelo seu dinamismo, ele está encaminhado Areia para reviver, pondo-a no seu lugar de destaque, de intelectualidade e progresso[...] O povo Areiense é que está de parabéns, é dele a vitória, a alegria destas duas datas. A primeira quando Cristo o escolheu para seu Ministério e a segunda quando multiplicando esta felicidade, levou-o para salvar almas e ajudar a viver os pobres, os carentes na terra, de um glorioso passado que ressurgue pelas obras maravilhosas realizadas pelo Cônego Ruy (GUEDES, 2005, p.107).

¹⁰ LEVY, Giovanni. *Usos da Biografia* IN Ferreira , M de Moracs & AMADO, Janaina (orgs) *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro, FGV 2001,169 p

A partir do olhar de escritores como Francisco Tancredo Torres, Maria Auxiliadora Carvalho e Silva Guedes, Aurélio de Albuquerque, D. Epaminondas José de Araújo e Maria das Vitórias Silva procuraremos analisar a imagem que tais biógrafos contribuíram para construir a História do Pe. Ruy, bem como perceber a como a população da cidade de Areia o recebeu e preservou em suas memórias a sua trajetória como um líder religioso.

Torres é o único que fala de sua vida antes a chegada a Areia. De forma sucinta ele narra a sua infância fazendo um breve relato da sua terra natal, destacando a primeira fase educacional nos estudos secundários e superior. Pouco nos apresenta de sua vida em família, o que nos parece um pouco contraditório, visto que para o Pe. Ruy a sua relação com a mãe Carlota Barreira, era de total cumplicidade.

Monsenhor Ruy Barreira Vieira nasceu no dia 24 de julho de 1921 na cidade chamada Jaguaribe, Ceará. Era o terceiro filho do casal Hilário Vieira de Souza e Carlota Barreira Vieira que se casaram naquela mesma cidade a 27 de junho de 1918. Dos nove filhos do casal, apenas três atingiram a idade adulta: Ruy Barreira Vieira, Hilário Vieira Filho e Hilarina Barreira Vieira.(TORRES, 1989, p 32.).

De acordo com Torres, na idade de mais ou menos dois meses regressaram os seus pais a cidade de Itaporanga, onde residiram e comerciavam levando viva a esperança de sucesso. A viagem foi realizada com precariedade de transporte daquela época. Foi á cavalo, onde seu tio paterno Acrísio Barreira de Queiroz o conduzia e ele chorava muito a ponto de impacientar o seu condutor.(Idem: p 33.)

A influencia do catolicismo predominava no lar dos Barreira-Vieira, pois D. Carlota primava pela boa educação da família. Rezavam juntos, iam à missa, cumpriam todas as determinações eclesiásticas, até porque a família tinha antecedentes religiosos e também associavam uma boa educação àquela acompanhada de uma educação religiosa e era nesse ambiente que Padre Ruy se desenvolvia. Dessa forma percebemos que houve uma influência familiar no seu destino religioso.

A infância de Padre Ruy representada por Torres envolve apenas o seu desenvolvimento na educação e cumprimentos da vida religiosa determinados pela Igreja Católica, desde batismo, comunhão e crisma.

Com mais de um mês de nascido, o menino Ruy Vieira foi levado a pia batismal da Igreja de Nossa Senhora da Purificação (Candeias) em Jaguaribe, a 27 de agosto daquele ano de 1921, recebendo o sacramento pelo Vigário Pe. Marcondes Cavalcante.

Em 1932, passou a residir em Picuí cidade onde seu pai funcionário Estadual servindo ao Tesouro do Estado da

Paraíba, fora transferido. Ali estudou com a professora Tereza Borges que também preparou Ruy Vieira para Primeira Comunhão, concluindo o curso primário em Patos.

Precisamente a 20 de Janeiro, realizou a sua Primeira Eucaristia, recendo-a das mãos do Padre Luiz Santiago, na Igreja Matriz de Picuí, quando era celebrada a festa do seu Padroeiro São Sebastião.

Obedecendo rigorosamente as determinações Canônicas, foi o pequeno Ruy levado ao sacramento da Crisma na cidade de Itaporanga quando Dom Moisés Coelho, Bispo de Cajazeiras, realizava visita pastoral em sua Diocese. (TORRES, 1989, 33 e pp.35.).

Torres em sua narrativa ressalta aspectos da vida do Monsenhor apresentando-o como um predestinado para a vida religiosa. Segundo Borges não se deve interpretar uma vida buscando-se uma unidade, uma racionalidade, uma pessoa, deve-se ficar atento a todos os seus aspectos e não a um só deles, uma vez que no percurso de uma vida todos os papéis se entrelaçam.

A biografia tem um papel fundamental para compreensão de uma época. A partir dela somos capazes de compreender pensamentos, anseios, medos e costumes de uma época. Biografar um indivíduo dentre tantos outros é um ponto norteador para nossas discussões em torno da figura de um homem religioso frente uma sociedade que acreditava nele e o enxergava como um “salvador”.

Torres em sua narrativa destaca que o Padre Ruy entrou cedo no seminário com 13 anos admitido através de exame, a partir desse momento sua vida foi uma sucessão de atividades voltadas para a vida religiosa e sem interrupção dos estudos, como afirma:

Desperta-lhe então, a vocação sacerdotal. Submetido a exame de praxe, ingressou a 18 de fevereiro de 1934 no Curso Ginásial Do Seminário Arquidiocesano da Paraíba sediado em João Pessoa e tomou batina no dia 10, com o colega José Maia. A sua colocação em primeiro lugar no exame de Admissão, valeu-lhe a homenagem do Reitor do Seminário Monsenhor José Tibúrcio que lhe fez oferta de uma bonita medalha. Concluiu o Curso Ginásial no ano de 1937 e no mesmo Educandário, até o ano de 1944, cursou Filosofia concluindo a sua formação superior e atingido o sacerdócio. (TORRES, 1939, p.35.)

O mesmo autor demarca a vida estudantil do Padre com mais detalhes para o recebimento das ordens sacras, pois o Padre fez anotações em seus cadernos acadêmicos sobre estes momentos e Torres as descreve em seu livro.

A partir do ano de 1942 Pe Ruy inicia seu caminho rumo ao sacerdócio. Recebeu primeiro as Ordens Menores, todas das mãos do Arcebispo Dom Moisés Sizenando

Coelho, da Paraíba, na Igreja Catedral Metropolitana, em João Pessoa, a execução do sub-diaconato que foi na Igreja de Nossa Senhora do Carmo na mesma cidade. A prima tonsura lhe foi conferida a 15 de novembro de 1942; a recepção das Ordens Menores: Ostiariato¹¹ e Litorato¹² a 14 de março de 1943; as Segundas Menores: Exorcistado¹³ e Acolitado¹⁴ a 25 de março de 1943. (TORRES, 1943, p 33).

Recepção das Ordens Menores – Ostiariato e Litorato. As cerimônias das ordenações começaram às 7 horas da manhã do dia 14 de março, 1º domingo da Quaresma [...]. Inesquecível dia! Conservarei dele esta advertência de São Paulo na epístola da missa: *Ne in vacum, gratian Dei recipiaties* (Padre Ruy)

Recepção das Ordens Menores: Exorcistado e Acolitado. Um grande pensamento me deve dominar ao subir mais estes dois degraus do altar: a grandeza do sacerdócio [...] Tudo que há em mim vem unicamente da bondade divina, de mim só o pecado e a miséria [...]

27 de fevereiro. Chegou o dia do meu sub-diaconato¹⁵ [...] Treme de emoção em pensar que daqui a poucos instantes darei o passo decisivo que marcará a minha vida [...] A igreja estava cheia de gente; da minha família apenas Cecília e Ruinelson.

4 de março de 1944. Dia do meu Diaconato¹⁶. Pela graça de Deus sou diácono. Parece um sonho, uma ilusão [...] Como me sinto feliz, imensamente feliz!

¹¹ Ostiariato: A ordenação de porteiro faz-se pela entrega simbólica dos instrumentos de seu ministério - as chaves e a campainha. Estava, outrora, a cargo do porteiro todo cuidado da Igreja. Abria as portas para os ofícios, convocava os fiéis, daí sem dúvida ser o depositário da campainha; impedia os infieis ou interditos de entrar na Igreja; sustentava o livro ao pregador. - Quer dizer: todo o trabalho de mãos na Igreja pertencia a esta ordem, servida, muitas vezes, em Roma por leigos.

¹² Litorato: Com os leitores subimos um grau na hierarquia das ordens. De fato o ofício de leitor é já mais intelectual, intimamente ligado à missão de doutrinar os povos, confiada à igreja por Jesus Cristo. A função própria e essencial desta ordem era ler em voz alta e clara sobre uma tribuna (o ambon) os trechos, de antemão escolhidos no antigo e no novo testamento.

¹³ Exorcistado Esta ordem confere ao aspirante um verdadeiro poder sobre os espíritos maus, de modo a torná-lo "*Imperator spiritualis*", como diz o Pontifical. O exorcismo tinha lugar particular nos ritos que precedem o sinal da cruz, e impunham-lhes as mãos para expelir os demônios.

¹⁴ Com os Alcólitos chegamos aos ministros que, como a palavra indica, "acompanham" o subdiácono na celebração dos santos mistérios. Em Roma, quando começaram a aparecer às paróquias urbanas ao lado da paróquia episcopal, onde o Bispo celebrava. Para manter com laço visível a unidade, enviava pão consagrado a cada um dos títulos filiais a Roma. Estes fragmentos eram levados pelos acólitos em sacos de linho, hoje substituídos pelas bolsas em que o pároco leva o viático aos doentes. E os sacerdotes das diversas freguesias juntavam estas parcelas à sua missa privada em memória da identidade do seu sacrifício como o do Bispo. Um vestígio disto é ainda hoje a deposição no cálice numa parcela da hóstia.

¹⁵ Subdiaconato A missão essencial do Subdiácono é "preparar as oblatas" para a oferta do sacrifício. Antigamente estes ministros recebiam numa grande patena as numerosas dádivas dos fiéis. Daqui procede o costume de o Subdiácono sustentar a patena nas missas solenes, coberta com o véu humeral. Talvez porque o Subdiácono era outrora chefe dos acólitos, leva ainda hoje a cruz nas procissões.

¹⁶ Diaconato: O Diaconato é, fora de dúvida, de instituição divina. A entrega desta ordem faz-se, como para os Bispos e Sacerdotes, pela imposição solene das mãos, e por uma invocação sobre os ordenados, segundo as instituições dos Apóstolos, de acordo com o preceito divino; o Diácono pertence à hierarquia eclesiástica. Ao seu ministério compete apresentar ao Sacerdote a patena com a hóstia, deitar o vinho no cálice, sustentar o cibório na distribuição da Eucaristia, que ele mesmo, em caso de necessidade e com autorização, pode ministrar aos fiéis.

19 de novembro [...] Raiou meu grande!!! Brevemente serci transpassado pela graça sacerdotal [...] Gratidão aos meus queridos papais... (Padre Ruy)

Percebemos mais uma vez a ênfase que é dada ao desenvolvimento educacional do Padre. Em *Lampejos de uma vida sacerdotal*¹⁷ os autores ao falarem de sua vida estudantil no curso ginásial e curso superior de Filosofia e Teologia, destacam os professores que o jovem teve e que para o mesmo devem ser lembrados. Os autores de “Lampejos de uma vida sacerdotal”, ainda comentam:

O seminarista Ruy Vieira foi sempre um aluno aplicado. Esforçava-se para esta em dia com todas as matérias. Nunca precisou fazer provas de recuperação, pois suas notas foram sempre boas. Mereceu os elogios que os mestres lhe faziam. (ARAUJO, TORRES, SILVA, 1994, p 4).

O autor ao ressaltar que o Monsenhor guardava sincera lembrança dos seus professores do seminário. Em conversa com seus colegas, sempre lembrava algumas passagens do tempo de estudante [...] Nos anos de Filosofia, o Monsenhor Ruy teve como principal professor o Pe. Carlos Coelho e nos quatro anos de Teologia, a turma do Monsenhor Ruy teve dois professores considerados importantes pelo Padre Mons. Pedro Anísio e D. Manoel Pereira. Ambos formados na Universidade Gregoriana de Roma. (ARAUJO, TORRES e SILVA, 1994, p 4).

Percebemos que a imagem do Padre é construída pelos autores desde a sua vida estudantil, como um homem que já em sua infância teve o anseio de se tornar um homem religioso. A obra de Francisco Tancredo Torres que é um historiador areiense, é lembrada pelos biógrafos que escreveram sobre o Pe. Ruy sendo bastante elogiada por enaltecer a figura do religioso, como se percebe na passagem:

Areia, Paróquia e Pároco, 40 anos, datada ainda no ano de 1989. Com competência, conhecimento sensibilidade e humildade, o autor, ao escrever uma grande biografia do Mons. Ruy diz tratar-se apenas de um relato de obras de fatos. É a ela que recorreremos para saudar os seus 80 anos de vida de Monsenhor, momento este que todos nós gostaríamos de viver e comemorar. (RIBEIRO, 2003, 29 e pp 30).

¹⁷Publicação de Dom Epaminondas José de Araújo, professor Francisco Tancredo Torres e Maria das Vitórias Silva em homenagem ao jubileu de ouro do Sacerdócio, 1994.

Ribeiro em sua obra “Monsenhor Ruy Vieira: a saga de um grande vulto” reúne depoimentos de várias pessoas, entre estas, historiadores, amigos, políticos, padres, entre outros que reforçam a imagem do padre como um benfeitor e passam isso aos seus leitores:

Fiel e criativo animador da vida Pastoral da Paróquia de Areia, Padre Ruy se revelou também um apaixonado promotor de Educação, da Cultura, da História e das Artes da Região.(Antônio Fragoso)

[...] Quando o Padre Ruy planeja, entrega-se de corpo e alma aos objetivos de sua ação, do que pretende conseguir ou fazer. (Dom Epaminondas José de Araújo)

Torne-se um gigante na defesa das causas comunitárias, na luta pela preservação da memória da cidade de Areia, região que sempre constituiu em pontos culminantes da história da Paraíba (Tarcísio de Miranda Burity-Governador).

As suas ações sociais-educativo-culturais oportunizaram a melhoria de vida de um sem número de pessoas. Pelas suas mãos benfazejas, milhares de areienses iniciaram-se na força de trabalho, em busca de uma vida útil e meritória. Tudo isto realizado com muito ardor e com muita fé, dentro do melhor espírito de justiça e amor ao próximo. (Itapuan Bôtto Targino-historiador).

Padre Ruy influenciava os políticos da cidade e do Estado da Paraíba. Muitas vezes chegou a pedir votos para candidatos que o mesmo apoiava e em vários momentos recebeu destes, apoio financeiro para a construção de suas obras, como foi o caso do candidato a governador do Estado Tarcísio Burity com o qual possuía uma profunda amizade. Tal gesto nos revela, a forte relação do discurso da Igreja com a política local.

A partir do olhar dos biógrafos Torres, Ribeiro e Guedes é possível perceber a construção da imagem do Monsenhor Ruy Barreira Vieira como o Padre benfeitor. Isto pode ser observado no esforço dos mesmos ao apresentarem o Padre como um ser especial diferente dos demais, dedicado à educação, cultura e religião. E principalmente porque ele se dedicou e criou raízes numa cidade que ele não tinha vínculo nenhum por quase cinquenta anos. Outro aspecto salientado pelos biógrafos em seus trabalhos são os acontecimentos relacionados à execução de obras assistências na cidade de Areia.

Sua Chegada na cidade de Areia ocorreu no ano de 1949 o Pároco por determinação do Exmo. Sr Arcebispo D. Moisés Coelho, substituiu o Cônego Francisco Lima. Segundo Maria Auxiliadora Guedes o Cônego encontrou a cidade em um estado de “hibernação” cultural, era como se algo lhe faltasse, faltava-lhe cultura? Areia encontrava-se adormecida, presa em seu passado longínquo e grandioso, negativamente

se expressava pelos cantos: “Areia já foi Areia!”. Não era mais? Como pensou Horácio de Almeida em seu livro Brejo de Areia: “A cidade no início deste século foi estrangulada submetida ao lugar comum das cidades mortas, deixando aos pósteros¹⁸ o consolo lírico de rememorar as tradições do passado” (ALMEIDA, 1980, p 46).

O Pe. Ruy assume logo em sua chegada, uma missão que percebemos em sua própria fala: “Não! Areia será sempre Areia” e ainda falou “Vamos lutar com toda nossa força para reconduzi-la ao seu relevante lugar”. Esse sentimento de estagnação cultural devia-se a quê? Por que os areienses se sentiram distante de um passado de glórias e esplendor? Nos primeiros anos de atuação do Pe. Ruy percebe-se a construção de uma figura heróica, ele se coloca como o interlocutor dos anseios dos moradores.

De acordo com Guedes foi neste contexto que o Padre chegou a cidade no dia 9 de outubro de 1949, recém formado, aos 28 anos, com vontade de trabalhar e fazer honrar seu nome, pois como dizia ABATH¹⁹ ele foi um “aluno exemplar , um dos primeiros da classe [...]seu comportamento era admirado pelos superiores e pelos colegas por isso nas premiações do fim do ano recebia o laço verde -amarelo com a medalha dourada [...]Foi líder dos grêmios liderados existentes no seminário daqueles O padre encontrando a cidade que já havia bastante se destacado culturalmente, em declínio falou: “Não!Areia será sempre Areia”. E pensou: “Vamos lutar com toda nossa força para recolocá-la em seu relevante lugar”. (GUEDES, 2005, p 35)

De acordo com Torres a chegada do Padre aconteceu conforme termo existente no livro de Tombo:

Ata da posse do Revmo. Vigário de Areia, da Arquidiocese de Paraíba, Padre Ruy Barreira Vieira.

Aos nove de outubro de mil novecentos e quarenta e nove, pela 9h30 da manhã, após ser recepcionado pelo povo em frente ao Colégio Santa Rita, compareceu na Matriz desta Paróquia em minha presença, acompanhado das testemunhas abaixo assinados o Reverendíssimo Padre Ruy Barreira Vieira, novo Vigário desta Paróquia, nomeado pelo Excelentíssimo e Reverendíssimo Arcebispo Metropolitano, por Provisão de 5 de outubro do corrente ano. Em ato contínuo, na qualidade de Vigário que fui até essa data, procedi a leitura da Provisão, fazendo ao povo a apresentação do novo Vigário substituto declarando-o empossado no seu cargo. Por sua vez o novo vigário dividiu sua palavra a seus novos paroquianos, falando-

¹⁸ Pósteros de acordo com o dicionário Aurélio significa futuro, gerações futuras p.548.

¹⁹ Colega de Padre Ruy, durante o seminário, Fernando Montenegro Abath.

lhes sobre a missão do pároco, dizendo das suas intenções de servir ao povo como “Ministro de Cristo e distribuidor dos ministérios de Deus”. Saudou em seguida as autoridades, as associações e ao povo em geral, terminando o ato pela celebração do Santo Sacrifício da Missa.

Do que, para constar, fiz esta ata que assino com o novo Vigário e com as testemunhas.

Areia, 9 de Outubro de 1949.

Ass. Padre João Félix de Medeiros - Ex. Vigário.

Padre Ruy Barreira Vieira-Vigário Substituto.

José Castor Gondim.

José Severino Gomes de Araújo(TORRES, 1989, pp 87-90).

Padre Ruy encontrou uma Paróquia vasta obedecendo aos limites do município de Areia e estendendo-se a Remígio, esta que só se desliga de Areia em 6 de Janeiro de 1965, quando o Excelentíssimo Senhor Arcebispo Dom Mário de Miranda Vila Boas, instalou, oficialmente a Paróquia de Nossa Senhora do Patrocínio nesta localidade.

Havia, portanto, vasto campo de trabalho não só espiritual como material. Na cidade de Areia, ainda predominava uma vida social marcada pela presença dos senhores de engenho e outros grandes proprietários desde o brejo até o agreste e Curimataú com elevado poder financeiro influenciando nas decisões políticas da cidade e do Estado. Quase uma centena de engenhos de moer cana. Fabricar rapadura e aguardente a base da cana de açúcar, era a principal economia do município. O comércio era promissor, desenvolvido com um relativo número de casas de tecidos, variedades e mercearia. Não havia como hoje, estabelecimentos bancários, mas apenas uma incipiente cooperativa agrária (TORRES, 1989, p 73.).

Observamos que o autor narra sobre a época ressaltando a carência de obras e ações sociais, portanto, a partir desse momento já percebemos a construção da imagem do Padre como um benfeitor, idealizado pela população e autores que o biografaram. Todas as biografias que tratam do Pe. Ruy o identificam como o homem que resgatou a cidade de Areia do atraso educacional, principalmente quando constrói a Escola Estadual Carlota Barreira e uma Biblioteca com um importante acervo.

Os biógrafos de Pe. Ruy falam de um sonho. Demonstram que apesar de não ter nascido na cidade em que foi vigário, Padre Ruy procurou se destacar, com boas e importantes obras sociais para a cidade de Areia, sendo considerado por muitos como um grande “prefeito”, mesmo sem ter assumido o cargo. *Eu costumo dizer que Padre Ruy foi o maior administrador que Areia teve, mesmo que não tenha sido prefeito, foi muito importante par a história de Areia.* (Dona Ivonete, Secretária de Educação do Município de Areia, 61 anos).

A partir dessa idéia podemos perceber a figura do Padre comparado a de um político. Poder espiritual concedido pela Igreja ao padre uni-se ao poder terreno dos homens. Sua boa relação com os políticos de sua época foi crucial para que as suas obras pudessem ser executadas com sucesso.

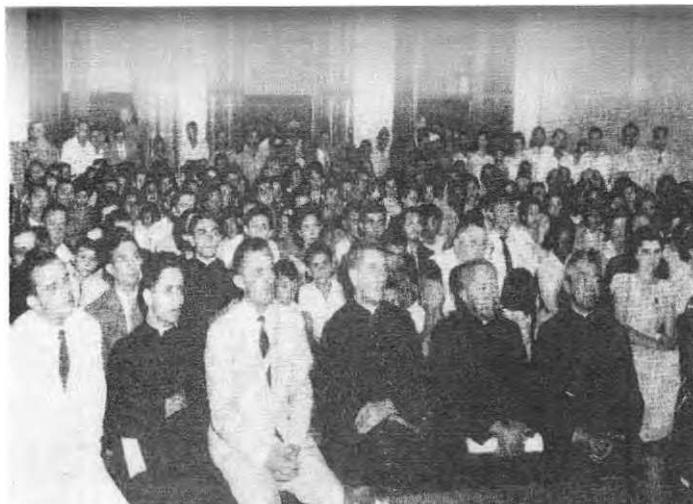
Segundo Torres não fazia parte dos seus planos morar na cidade de Areia. Quando seminarista sonhava em ser vigário de Itabaiana, à época sede do paróquiato do seu amigo Monsenhor Francisco Coelho de Albuquerque.

Em Areia, exerceu o magistério como mestre de Português e Literatura Brasileira da Escola Normal Santa Rita em 1951, e a partir deste mesmo ano como professor de Português do Curso Colegial Agrícola da Escola de Agronomia do Nordeste, para cujo ensino recebeu registro definitivo no setor de ensino agrícola do Ministério de Educação e Cultura em 1967. (TORRES, 1984, p 74).

Por iniciativa do próprio Padre Ruy foi realizada na cidade de Areia “A I Semana Ruralista”, na época, pouco tempo depois de assumir a Paróquia da cidade supracitada. Com este evento a população percebeu que o Padre trazia um desejo de não só propagar o evangelho, cuidar da vida espiritual, religiosa da cidade, mas uma vontade de contribuir em outros setores que enaltescessem o município. Assim também o perceberam os autores que o biografaram e amigos. *Cavalheiro, atencioso com todos, vai amadurecendo, este filhote de águias retirante, fixado em Areia com ar de guias e com dois*²⁰. Seria interessante para a própria sociedade e para o próprio padre e instituição religiosa a criação de uma imagem de perfeição, uma vez que o Padre Ruy, era alguém ligado a Igreja e também de forte influência no meio social e político.

²⁰Trecho de uma entrevista do Padre Fidelis, Jornal de Esperança 18 a 24/08/1991.

Foto 3:



Sessão de encerramento da I Semana Ruralista de Areia, 1952. Salão Nobre da Escola de Agronomia do Nordeste, Areia

Primeira semana ruralista de 1952

Segundo Torres foram três as Semanas Ruralistas realizadas em Areia por iniciativa do Vigário Padre Ruy Barreira Vieira, nos dez primeiros anos de seu paróquiato. A primeira recebeu apoio e beneplácito do Sr. Governador José Américo de Almeida, bem como do Ministério da Agricultura e de Diretores de outros

Departamentos pertencentes a esse Ministério, como o serviço de Informação Agrária, a superintendência de ensino Agroveterinário, a Campanha de Educação Rural, entre outros, foi também aprovada e abençoada pelo excelentíssimo Senhor Arcebispo D. Moisés Coelho que fez a seguinte convocação através da imprensa paraibana:

Semana Ruralista de Areia

Ao clero e aos católicos dessa Arquidiocese. Em Areia, Paróquia desde Arcebispo, realizar-se-á uma Semana rural, entre os dias de abril. [...] E porque a Igreja, como nenhuma outra entidade se interessa grandemente pelo bem cultural do povo e pela prosperidade material da sociedade, ela também tomará parte ativa neste movimento, medindo a Ação Católica, cuja atuação do ponto de vista moral, social e educacional, será inestimável. Para os que são convidados não só os dirigentes e assistentes da Ação Católica Regional, especialmente, e os das Dioceses de que os compõem a nossa Província Eclesiástica, como A Paraíba, Campina Grande e Cajazeiras, mas também os altos Representantes da Ação Católica Nacional. Os eméritos Monsenhor Helder Câmara, erudito e dedicado Presidente da Ação Católica Nacional, com auxílio dos mais idôneos da secção de Ação Rural estarão presente para orientar os trabalhos da semana, no ponto de vista cristão. Cumpre educar o povo na compreensão do cumprimento dos deveres pessoais e sociais bem como no desempenho da alta missão que cada um recebeu do criador, de ganhar a vida com o seu trabalho, e com o seu colaborador para a manutenção e bem estar da comunhão integrada todos num só entendimento de solidariedade e

fraternidade humana. Na elevada compreensão da lei divina do trabalho, onde poderá o homem saber por que trabalha, porque deve trabalhar, chegará também a conhecer que o trabalho, longe de ser pesar é um dever nobre do homem. É nesse ponto de vista que o trabalho não evita, mas é antes um dever natural condizente com a dignidade do homem, ao contrário do que se percebe no conceito materialista do mesmo, no qual o operário é tido como escravo do mesmo, sua pessoa como instrumento inconsciente da exploração ambiciosos e seus braços como máquinas assalariadas, destruindo-se destarte a dignidade humana. A semana rural atrairá quantos se interessem pela vida nos campos, pela situação econômica e social, pelos problemas pecuários e por todos que tenham de qualquer modo uma parcela de responsabilidade na comunhão humana. Vale dizer que por essa semana devem se interessar, não só as autoridades dirigentes federais, estaduais, municipais, mas ainda os economistas, os fazendeiros, os pecuaristas, os industriais, comerciantes, professores, proprietários rurais, vigários, eclesiásticos, etc. Por tal motivo é que aos párocos desta Arquidiocese não só permitimos que tomem parte na semana rural, mas também recomendamos-lhes o comparecimento aos debates e as discussões das suas assembléias, em que podem adquirir novos conhecimentos para bem orientar os homens campo. O empreendimento a que mete o nobre povo de Areia a um movimento novo, uma iniciativa radiosa de esperanças, ainda não tomada em nossa Arquidiocese e quiçá em nosso próspero Estado. Nós o aplaudimos e abençoamos.
(Don Moisés, Arcebispo da Paraíba).

O Padre Ruy para realizar a I Semana Ruralista foi até o Rio de Janeiro solicitar apoio e aquiescência do Ministério da Agricultura. Este fato repercutiu na cidade e no Estado e no período de 14 a 18 de Abril de 1952, a cidade foi palco de diversas reflexões voltadas para a questão agrária do país. Nesta semana eram debatidos problemas referentes aos assuntos agropecuários, sociais, com a finalidade de procurar soluções para tais. Deste evento, participavam lavradores, criadores, técnicos, sacerdotes e professores, vindos de toda a região. Após a primeira semana ruralista que aconteceu em 1952, tivemos apenas mais duas semanas nos anos posteriores. (TORRES, 1989, p 91).

De acordo com Torres nessa ocasião Dom Luis Mourinho, Bispo de Cajazeiras, faz discurso anti-belista contra a “Guerra Fria” (entre EUA e URSS), “que solapa os alicerces econômicos do mundo ocidental, com astronômicos gastos militares e a queda na produção agropecuária”. Todavia, Dom Luis conclama: “Ou o ocidente se arma para defender-se ou será devorado pelas forças materiais dos soviéticos”. (TORRES, 1984, p 74).

Diante de uma atmosfera de “consagrações” a imagem do religioso “obreiro”, foi se cristalizando na sociedade areiense. A lembrança do homem que para muitos foi descrito com bondoso e até alguém considerado “ilustre” para a cidade, foi se naturalizando mesmo após a sua morte. Ser ilustre para um areiense é se aproximar do que foi o pintor Pedro Américo o escritor e ex-governador da Paraíba, José Américo de Almeida, entre outros “astros” oriundos da cidade.

Capítulo II: As muitas faces do religioso: Um passeio pelas obras e memórias de um padre.

Os paraibanos aprenderam a admirar o Monsenhor Ruy Vieira graças a seu destacado trabalho social e cultural à frente de sua múltipla paróquia areiense.
(Evandro da Nóbrega, 2005, p 15).

Autores como Guedes, Ribeiro e Torres ao biografar Padre Ruy o explicitaram como uma pessoa magnífica, que amava Areia e que era um semeador de obras sociais. No seu primeiro decênio de paróquia foram muitas as obras sociais; iniciando desde 1950 o desenvolvimento deste setor, integrando a Paróquia de Areia. As informações contidas nos três autores são semelhantes, a leitura de uma das obras direciona as demais. A versão contada por uma não se distingue das outras, portanto são muitas as semelhanças existentes nos narradores de Padre Ruy.

Neste capítulo, para entendermos a construção dessa imagem do padre, apresentamos as obras arquitetônicas e sociais realizadas por ele e buscamos uma maior aproximação com esse período, através de diálogos com um pequeno grupo de pessoas que vivenciaram o momento de atuação do Padre por meio das lembranças e discutimos sobre os discursos que emergiram em torno destas ações.

Dessa forma, se faz necessário para o desenvolvimento deste capítulo a uso da fonte oral. Através deste recurso podemos confrontar a escrita com a oralidade e entender melhor o que os autores biografaram. Enquanto recurso metodológico, esta prática surge como meio capaz de “dar voz” as minorias, possibilitando as mesmas fazer parte da história, mas a história oral para Alberti não deve ser reconhecida como história verídica e imutável, mas como uma fonte para estudo entre conjunturas do passado com o presente. Textos transcritos de entrevistas não podem ser aceitos como um resultado legítimo e final de uma pesquisa, pois não constituem uma problemática em si. (ALBERTI, 2005, p 170).

Para Alberti, esta capacidade da entrevista enriquecer a pesquisa fez com que a mesma alcançasse o mundo. A história oral chegou ao Brasil em meados de 1970, precisamente em 1975, mas foi na década seguinte que se processa sua consolidação formando-se núcleos de pesquisa e programas de história oral voltados para diferentes objetos e temas de estudo. (Idem, p 167).

Utilizando este recurso, para este trabalho, entrevistamos algumas pessoas que moram em Areia desde a época que Padre Ruy era vigário. E os entrevistados foram

convidados a falarem sobre o que eles conhecem do Padre, transformando o que foi vivenciado em linguagem, selecionando as opiniões destes em torno dessa figura religiosa.

De acordo com Alberti, uma das principais vantagens da história oral se deriva justamente do fascínio da experiência vivida pelo entrevistado, que torna o passado mais concreto e faz da entrevista um veículo bastante atraente de divulgação de informações sobre o que aconteceu. Esse mérito reforça a responsabilidade e o rigor de quem acolhe, interpreta e divulga entrevistas, pois é preciso ter claro que a entrevista não é um “retrato” do passado (ALBERTI, 2005, p 170). Os entrevistados quando interrogados sobre quem foi Padre Ruy, responderam:

Padre Ruy foi meu professor, amigo, conselheiro. Ele tinha liberdade para nos dá bronca quando necessário (SILVA, 2008).

[...] um conselheiro espiritual, um amigo, um exemplo de administrador social e líder religioso (GALZERANO, 2008).

Padre esteve presente na minha vida, como na maioria dos areienses. Em 1986 lecionei na Escola Carlota Barreira, fundada por ele. Sempre o achei um padre elitista que tinha um tratamento diferenciado entre pobres e ricos. (MARTINS, 2008)

Foi uma pessoa muito boa, fez muito por nossa cidade. Batizou todos os meus filhos, mas eu notava que além de muito rígido ele falava de forma diferente com a gente, mais humilde, em relação aos que tinham posse. (DIAS, 2008).

Observamos em suas falas que existem algumas pessoas que tinham uma visão diferenciada do Padre, contradizendo com o que os biógrafos, imprensa e a maioria dos moradores de Areia comentam sobre ele. Mesmo acreditando que Padre Ruy fazia benefícios para a cidade, achavam que o Padre tratava de maneira diferente os menos favorecidos, em relação aos “ricos”. Algumas pessoas da cidade chegavam a comentar que o religioso estava sempre cercado de “gente rica” e que dava prioridade a essas pessoas por apresentarem uma situação econômica melhor que os demais. Isso vem contradizer, por exemplo, com o que Dom Aldo De Cillo Pagotto afirmou na Homilia da Celebração Eucarística de Ação de vida de Padre Ruy, quando dizia:

Do pobre ao rico, do miserável ao abastado, Padre Ruy soube investir, soube reconhecer, sabendo em quem acreditou no amor de Deus! Não serviu a vanglória; as exterioridades, as excentricidades secundárias. Não buscou a si mesmo e seus interesses (GUEDES. 2005,133p).

Diferentemente dos entrevistados observamos no discurso de Dom Aldo a preocupação de passar para o seu público a imagem de Padre Ruy como uma pessoa solidária, humilde e sem ambição, uma verdadeira figura religiosa. O religioso sempre defendeu os “bons costumes”. Sempre que podia realizava seus sermões voltados para toda uma moralidade que acreditava ser a mais correta dentre os discursos da sociedade. Prezava pela boa educação das jovens da paróquia, dando “bons conselhos” para a vida.

A educação era fundamental para solidificação do projeto religioso de Padre Ruy; começou em Areia ensinando no Colégio Santa Rita, na Escola de Agronomia e Colégio Estadual Ministro José Américo de Almeida. Ministrava Português e Moral e Cívica. Depois fundou várias escolas paroquiais nos bairros da cidade, reunindo-as posteriormente em uma só. Surge assim a menina dos olhos do vigário, o “Carlota Barreira”.

Foto 4



Foto 5



Imagens da Escola Carlota Barreira

Uma escola que tem o nome de sua genitora destinada a ministrar gratuitamente o ensino primário a 800 crianças pobres, uma construção de 1300m de área coberta custou em dinheiro apenas 52 mil cruzeiros, havendo um déficit de quase 22 mil cruzeiros. (TORRES, 1989, p). Em entrevista ao Jornal da União o padre diz:

Não há coisa mais bela para mim do que a escola. A Carlota Barreira é a pupila dos meus olhos, é aquilo que tenho de mais belo no meu coração, porque dou instrução e educação a criança, a juventude.(Padre Ruy, Jornal da União, 1984).

Durante o período em que esteve na cidade de Areia, o Padre Ruy, sempre que podia mencionava a alegria que sentia em ter proporcionando educação ao povo areiense. Em suas celebrações quase sempre lembrava da escola que trouxe para a cidade de Areia e se sentia um grande benfeitor por este feito.

Uma outra questão proposta ao entrevistados foi sobre a postura do padre Ruy com os moradores de Areia, como ele desenvolvia sua conduta religiosa, social e política. As respostas foram as seguintes:

Muito bem articulada, pois se aproximou das diversas classes sociais, inclusive das classes mais altas com fins de ajudar os menos favorecidos. (SANTOS, 2008).

Padre Ruy não foi um Padre de grandes eventos religiosos. Ele mantinha as tradições, mas não teve uma liderança forte que trouxesse os fiéis, em massa para igreja. (SILVA, 2008).

Padre Ruy é considerado pela população como elitista, estava sempre procurando se aproximar das pessoas de “prestígio” e usou isso para trazer alguns benefícios para cidade (MARTINS, 2008).

Exerceu sua missão com muito desvelo [...] valorizava bastante todo trabalho das equipes e ficava muito grato por tudo. (GALZERANO, 2008).

Com base na fala de Azevedo percebemos que o Padre não conseguia levar as pessoas para igreja, apesar do que fazia pela cidade, dando margem ou sentido para o que Martins afirma, ao considerá-lo elitista. Ele não era o tipo de padre preocupado em ter o templo cheio de pessoas, pelo contrário, algumas pessoas até chegaram a se queixar que suas celebrações eram rápidas e seus sermões não faziam muito sentido.

De acordo com Ribeiro, Padre Ruy foi o maior “prefeito” que Areia já teve, mesmo sem nenhuma obrigação constitucional. [...] Sabemos que o senhor poderia ser hoje na patente bem mais alta dentro da igreja e que rejeitou todos os seus convites para se dedicar a nós (RIBEIRO, 2003, 30p.).

O autor, ao utilizar esse discurso sensibiliza a população para que esta se sinta grata à pessoa do Padre Ruy, moldando o imaginário das pessoas de forma que estas não questionassem se existia algum outro interesse do Padre em seu modo de agir na cidade. Os entrevistados ao serem questionados sobre a importância de Padre Ruy para Areia, disseram:

Mons. Ruy foi uma figura ilustre, mais importante que muitos administradores políticos. Deixou-nos um patrimônio cultural que muito contribuiu para que Areia hoje seja um Patrimônio Nacional. (GALZERANO, 2008).

Ele foi muito importante por tudo que fez em Areia, principalmente pelos pobres e necessitados. Não sendo filho de Areia ele trabalhou mais que um filho. (BARBOSA, 2008).

Eu costumo dizer que Padre Ruy foi o maior administrador que Areia teve, mesmo que não tenha sido Prefeito foi muito importante para história de Areia. (SILVA, 2008).

No diálogo com entrevistados percebemos que na grande maioria a veneração ao religioso já que acreditam na forte contribuição e importância na história de Areia, independente de suas falhas, ou não. Sempre encontram uma maneira de lhe render elogios e buscar engrandecer suas obras.

Diante das afirmações sobre a importância do Padre, nenhum dos entrevistados apresentou argumentos contrários às atividades desenvolvidas pelo Padre, embora alguns reconheçam as estratégias diferenciadas utilizadas pelo mesmo quando se relacionava com pessoas influentes na cidade. Entretanto, é recorrente nas falas dos entrevistados o reconhecimento do trabalho realizado pelo Padre: *Não se pode negar a importância do Padre Ruy para Areia. Suas obras fazem parte da história viva da cidade e estão espalhadas nos quatro cantos.* (MARTINS, 2008).

Na voz de Martins, temos uma generalização de época e isso acontece quando certos acontecimentos são narrados da mesma forma, isso pode indicar que estão cristalizados na memória do entrevistado e cumprem um papel específico no trabalho de significação do passado. (ALBERTI, 2005, p.179).

É importante salientar que as pessoas desta cidade o idealizaram desta forma pelo fato de que a maioria dos políticos que passaram pela cidade, pouco fizeram ou se importaram com questões sociais com o Pe Ruy se importava. Mesmo sem ser político assumiu uma responsabilidade e realizou trabalhos típicos de um governante eleito pelo povo, restando a um padre essa incumbência, e também. *Padre Ruy realizou muito mais obras em Areia do que todos os prefeitos juntos no mesmo período.*(SILVA, 2008).

Esta forma de abordar a postura do Padre reflete a carência da cidade de Areia de obras assistências por parte do poder público ou de alguém que se dispusesse. Nesse sentido ele era visto mais pelas obras que realizava do que por suas atividades religiosas, que são tão evidentes em cidades pequenas e do interior.

Seria interessante ressaltar que tudo que o padre realizou na cidade de Areia foi através da colaboração de pessoas dos setores público e particular, das instituições nacionais e estrangeiras. Podemos encontrar ao seu lado governadores da Paraíba, prefeitos locais, deputados e senadores, obtendo desta forma recursos financeiros e

materiais para a concretização das obras²¹ da paróquia areiense. É o que podemos perceber a partir das imagens abaixo em que o Padre foi fotografado ao lado do governador Tarcísio Burity e do prefeito Ademar Paulino entre outras autoridades.

Foto 6:



Aniversário de sacerdócio do Mons. Ruy Vieira com a presença de da esquerda para a direita dos Srs. Thalles Almeida, Amaury Vasconcelos, Tarcísio Burity, Mons. Ruy Vieira, Antônio Carlos T. de Barros, Prefeito Ademar Paulino, Juiz de Direito Antônio de Pádua Lima Montenegro

Padre Ruy com políticos e outras autoridades

²¹ Criou o grupo Juventude Universitária Católica (1949), Serviço Social da Paróquia (1950), Escola Paroquial Nossa Senhora de Fátima (1951), Escola Vigário Sebastião Bastos (1952), Escola Vigário Odilon Bem-Vindo (1952), Escola Monsenhor João Coutinho (1952), concluiu a construção da Casa Paroquial (1951), reformou e embelezou a Igreja Matriz com sua torre (1959 – 1986). Construiu várias capelas em Areia em Muquém, Santana, Chã de Jardim (1987), São Bento (1988), Chã da Pia e Lages (1989), Lagoa do Jogo, Carlota Barreira, Engenho Cipó (1990). Organizou o Culto Dominical na Zona Rural, organizou as semanas ruralistas (a 1ª em 1952), a obra das vocações, fundou o Sindicato dos Trabalhadores rurais em Areia, o Jornal O Areiense (1979), dinamizou as Escolas Radiofônicas. Foi radiomador. Construiu uma rede de Centros Sociais: o Centro Social Pio X (1956-Taquari), a Escola Profissional Dom Adauto (1959) ou “Artesanato” com sapataria, mecânica de automóvel, eletricidade, tipografia e tecelagem, o Albergue Pedro Simeão Leal (1959) ou para idosos, Escola Profissional Plínio Lemos em Cepilho e Escola Maria America dos Santos Lisboa em Tanque Comprido (1956), Centro Social na Rua São José (1965), o Colégio Carlota Barreira (1968) com banda marcial ônibus e até sorveteria (1992), o Salão Paroquial Dom Moisés Coelho (1969), o Centro Social Dom Maria Pires (1970-Chã do Galo), o Centro Social Monsenhor Coelho (1971-Rua Abel da Silva), o Centro Social Pio XII (1972) com a biblioteca José Américo de Alcida, o Museu Regional de Areia, o Auditório João Paulo II (Jussara), o Centro Social (Chã de Santo Antônio), posto de Saúde Monsenhor José Borges (1990-Engenho Cipó). Criou a Fundação Monsenhor Ruy Barreira Vieira. Lutou para Areia permanecer na Arquidiocese da Paraíba (1980) e sonha com a instalação do “seu” museu Monsenhor Ruy na casa ao lado da Igreja Matriz.

Algumas de suas obras ainda são desfrutadas pela sociedade areiense, não com a finalidade pensada no início de tudo, visto que a maioria de suas obras perdeu o seu objetivo inicial.

Foto 7:



Artesanato Dom Adauto

Foto 8:



Albergue Simcão Leal

Foto 9:



Centro Social Papa Paulo VI

Foto 10:



Creche Carminha Souza

Foto 11:



Centro Social Pio XII

Foto 12:



Salão Paroquial Dom Moisés Coelho

Percebemos que a maioria dos entrevistados conhecem pelo menos uma obra realizada pelo Padre na cidade. Martins ressalta sobre uma das mais conhecidas, o Museu Regional de Areia. Padre Ruy Vieira sentiu a necessidade de construir um espaço direcionado para preservar a memória local e percebeu que o centro social era o lugar apropriado para esse fim partindo então, em busca do material que ia compor seu principal objetivo.

Várias foram suas obras sociais criadas por ele. Pensando nas crianças e mães, criou a Creche Carminha Souza. Pensando na educação fundamental, realizou a sua obra mais importante, a Escola Carlota Barreira. Pensando numa iniciativa profissional fundou o Artesanato D. Adauto²².

Finalmente, pensando nos idosos organizou o Albergue Simeão Leal²³. (GALZERANO, 2008).

Construiu os Centros Sociais na cidade e na zona rural, tendo como principal obra a Escola Carlota Barreira, que é referência na educação de Areia. Levou também para os distritos cursos como, corte, costura, economia doméstica, trabalhos manuais, arte culinária, entre outros. Ainda cito a implantação do museu Regional de Areia, situado no Centro Social PIO XII. (MARTINS, 2008).

As famílias, as entidades particulares e públicas logo aderiram ao seu projeto realizando doações para instalar o museu. Foram muitas as doações: peças, quadros, telas, escritos, fotografias, móveis que iriam perpetuar o passado histórico de nossa tão preciosa gleba.

Padre Ruy solicitava, viajava em busca de materiais cuidadosamente guardados. Da Itália, ele conseguiu peças valiosas, escritos pertencentes ao pintor Pedro Américo,

²² A juventude arcense, em sua legião mais carente necessitava do ensino profissionalizante e encontrou no Padre Ruy, a possibilidade desta ação ser realizada. Segundo Torres obtendo os recursos necessários lança a pedra fundamental do artesanato Dom Adauto em data 19 de março de 1965 com a presença de Dom Manoel Pereira da Costa, bispo auxiliar de Dom Moisés Coelho. A justa homenagem a Dom Adauto, arcense que primeiro ocupou o Sólido Episcopal e Arquiepiscopal da Paraíba, estava feita. A construção do prédio que teria na arquitetura de sua fachada traços barrocos e clássicos seguia em ritmo acelerado. Ao término a população se deparou com um prédio composto por muitas salas, onde funcionaria oficinas de marcenaria, sapataria, tecelagem e tipografia. Atualmente nesse prédio funciona uma escola particular (Escola Educacional Pinóquio) que paga aluguel a paróquia.

²³ Os aspectos sociais sempre foi uma das causas mais defendidas por Padre Ruy. A velhice pobre e desamparada não foi esquecida, as idéias para o desenvolvimento e o bem estar dos seus paroquianos brotavam em seus planos. Foi então que encontrou no senhor Simeão Leal, arcense dos mais dedicados da sua terra, o doador dos recursos para a iniciativa desta obra. Um hectare de terra e a quantia de cento e cinquenta mil cruzeiros foi a sua contribuição. A construção foi iniciada a 2 de fevereiro de 1953 e o albergue recebeu o nome de Simeão Leal (TORRES, 1989, p)

Hoje o prédio que ocupava o Albergue Simeão Leal perdeu seu objetivo principal passando por muitos anos a ser um prédio abandonado, sendo posteriormente reformado funcionando centro da FUNDAC (Fundação de Assistência à Criança), responsável em dar assistência aos menores infratores e meninos de rua. Atualmente uma parte do prédio funciona com o PETI (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil), que desenvolve várias atividades com as crianças da cidade e em outra parte do prédio funciona a APAE que dá assistência educacional e médica a crianças portadoras de necessidades especiais.

desta maneira foi possível à concretização da construção do Museu Regional²⁴ de Areia. Apesar de ter engrandecido a cidade com a exposição de “famosos” areienses neste museu, há quem diga que o Padre fez mais pela cidade do que os homenageados, como afirma Guedes:

Realmente os filhos ilustres a engrandeceram, mas logo se afastaram à procura de novos horizontes longe do berço amado, amando-o à distância. Pedro Américo, por exemplo, que, menino ainda, teve de sair pelos meios que lhe foram oferecidos de aperfeiçoar seus talentos jamais pode voltar para imortalizar pelo pincel as belezas naturais da sua terra, da qual como prova do seu talento deixou apenas um “galo” pintando na parede da casa comercial de seu pai e pela precariedade da “tela” que só pôde ser preservada pelos conterrâneos, até que um simples pintor de parede, ignorando o valor daquele galináceo ali registrado, na execução da sua profissão, passou sobre a pintura que poderia ter se tornado imorredura, o seu rude pincel e acabou com o orgulho dos areienses de poder mostrar aos visitantes aquele símbolo de genialidade artística do imortal conterrâneo!(GUEDES, 2005, p 65).

Percebemos na fala da autora que ela faz elogios apenas ao Padre, criticando Pedro Américo, ressaltando que Padre Ruy teria feito mais por Areia que pessoas da própria cidade. Em entrevista ao Jornal da Paraíba (2001), a historiadora Violeta de Brito Lira disse:

Em relação à cultura o ponto alvo foi à fundação do Museu Regional de Areia, Padre Ruy sabia, sobejamente, que Areia é uma cidade de grandes tradições e que deu a Paraíba e ao Brasil votos de grande expressão como o Pintor Pedro Américo de Figueiredo, Ministro José Américo de Almeida, Coelho Lisboa, Aurélio de Figueiredo e sabia ainda que a Paraíba foi governada por 16 vezes por areienses. Fundamentado em tudo isto, o nosso Padre Ruy deu a cidade o Museu que abriga, peças históricas, quadros, documentos, objetos de uso pessoal e familiar e tudo o que fala do passado de Areia e da região. O museu que se tornou um ponto de referência para quem deseja conhecer melhor a história das artes e das letras da Paraíba.

Segundo Guedes o Museu Regional de Areia é uma instituição de direito privativo da Paróquia, sem fim lucrativo. Pela lei 147 de 04/10/1973, tornou-se o Museu de utilidade pública. Seu patrimônio é constituído de móveis, imóveis e outros bens. São vários os órgãos com os quais o nosso Museu mantém intercâmbio cultural, como o Instituto Joaquim Nabuco, Fundação Casa José Américo de Almeida. A lei 147, que o reconheceu de utilidade pública aprovada pela Câmara Municipal foi sancionada pelo

²⁴ O acervo do Museu Regional de Areia, segundo elaborada classificação dos museólogos da Fundação Joaquim Nabuco constitui-se de 15 coleções: antropologia cultural, antropologia física, armaria, artes gráficas, artes plásticas, arte sacra, iconografia, manuscrito, maquinário e tecnologia, mineralogia, mobiliário, objetos de uso, paleontologia, vidros e louças e zoologia.

prefeito Élson da Cunha Lima e pela lei 3870, de 28/12/1976 decretada pelo Poder Legislativo e sancionada pelo então governador do Estado Ivan Bicharada Solvera.

Foto 13:



No Museu Regional de Areia, observando o quadro de sua turma do ano de 1944

Padre Ruy no interior do Museu Regional de Areia

Atualmente, o Museu Regional sofreu algumas alterações, pois o Ponto de Cultura Viva o Museu através da Associação de Amigos de Areia (AMAR), tirando o Museu do tradicional, a forma estática, está fazendo exposições periódicas sobre alguns personagens da cidade e os organizadores acharam que nada mais justo do que começar com o idealizador do Museu, Padre Ruy.

Hoje no Museu está exposto, por alguns meses, um acervo sobre o padre, que trás a sua trajetória de vida através de peças pessoais, documentos, jornais, icnografias, entre outros, A biblioteca que consta em uma das dependências do Pio XII, é bastante visitada por alunos da comunidade, apesar da tecnologia hoje existente com o auge da internet, como diz Guedes:

Na comunidade o Museu vem desempenhando importante papel transmitindo traços culturais do passado às gerações presentes pela demanda de pesquisa aos alunos de 1º, 2º e 3º graus não apenas do nosso município, mas de toda a Região.”(GUEDES,2005, p 69)

Foto 14:



Foto 15:



Interior do Museu Regional de Areia

Observamos que os autores dão muita ênfase ao trabalho realizada pelo Padre, principalmente no que se refere à construção dessas duas obras: a Escola Carlota Barreira e o Museu Regional. Os entrevistados para este trabalho quando foram questionadas sobre o que achavam das obras concretizadas por Padre Ruy, responderam:

Estas obras trouxeram para a cidade muitos benefícios e promoveu o crescimento e desenvolvimento de inúmeras pessoas e melhoramento da cidade. (GALZERANO, 2008)

Excelentes e necessárias, o que contribuiu para o melhoramento da cidade. (SANTOS, 2008)

Todas ótimas, porque ele trabalhava com amor para todos: pobres e ricos. (BARBOSA, 2008)

Importantes, pois do jeito que Areia estava desamparada pelo poder público, todas as obras foram recebidas com muito entusiasmo pela população. E mas tudo que fazia era divulgado, então não só seu nome mais o nome da cidade estavam sempre em evidência o que era bom para a sua carreira. (DIAS, 2008).

Todas as obras de Padre Ruy tinham dois objetivos: um social, pois o mesmo era muito preocupado com o desenvolvimento do município, outro objetivo era religioso, ele era prático e político, pois afirmava

que Deus não gostava de ver seus filhos desamparados. Toda a vida do Padre Ruy foi dedicada a Areia. (SILVA, 2008).

Analisando as narrativas dos colaboradores, podemos destacar que eles continuam falando do lado político do Padre, mas algo interessante comentando é a questão de como o Padre se projeta através da imprensa. Observemos trechos de algumas notícias sobre o Padre:

Tomará posse hoje da Paróquia de Areia Revmo. Padre Ruy Vieira (A IMPRENSA- 09/10/1949)

O Padre Ruy é um sacerdote moderno; não cuida somente do espírito (O REBATE- 31/05/1952)

Viajara ao Rio pelo vapor “Paulo Toscanelli” o Revmo. Padre Ruy Vieira, vigário de Areia. Senhor Revmo. pleitará, junto ao Ministério da Agricultura, auxílio destinado para a realização da II semana ruralista, [...] pleitará também a construção de um prédio, onde deverá funcionar o Artesanato ‘ D. Adauto’ (CORREIO DA PARAÍBA- 14/01/1954)

Areia festeja o décimo ano de vicariato do Padre Ruy Vieira. Homenagem de todas as classes sociais e entidades religiosas, presença do governador. (A IMPRENSA- 22/11/1959)

Casal Makk decora a Matriz de Areia [...] O casal de artista ficou por mais de três meses hospedado com seu filhinho Américo, na residência paroquial do Padre Ruy Vieira (A IMPRENSA- 27/11/1959).

O cônego Ruy Vieira tem uma meta, em sua zona de trabalho: O sindicalismo rural (A UNIÃO -21/11/1961)

Além da ajuda do governo do estado através da Secretaria da Saúde e Educação, a Paróquia recebe do Serviço Social Rural uma decidida colaboração técnica e financeira que torna possível a realização de uma interessante e objetivo plano de desenvolvimento de comunidade. (DIÁRIO DA BORBOREMA-03/07/1962)

Padre Ruy organiza o museu de Areia. (CORREIO DA PARAÍBA- 1972)

Areia festeja Jubileu de Prata do Padre Ruy Vieira. (19/11/1964)

Percebe-se que tudo que o Padre fazia era divulgado e os maiores veículos para este trabalho, coincidência ou não, eram os jornais “A Imprensa” e o “Areiense”, que tratavam principalmente dos assuntos relacionados à igreja. Como vemos também, outros jornais conhecidos da Paraíba divulgaram o trabalho conduzido pelo Padre Ruy. Desde a sua chegada a Areia até sua morte, ele foi sempre acompanhado pela imprensa e intencionalmente ou não isso o levou a receber vários títulos: cidadão areiense (1959), cidadão pessoense (1983), cidadão remigense (1959), cidadão paraibano (1977), cidadão campinense e membro da Academia de Letras (1987). (TORRES, 1989, pp 281-282).

Nos trechos de algumas entrevistas é visível a preocupação em destacar a hospitalidade com que tratava aqueles que chegavam na cidade demonstrando que o

mesmo recebia seus convidados na própria casa paroquial, já que Areia não tinha a disposição instalações necessárias.

Em seu discurso por ocasião do recebimento do título de cidadão paraibano, Padre Ruy disse: [...] Tudo quanto tenho planejado realizar na minha gestão, através das obras sociais disseminadas na paróquia, visa à continuação, nos dias atuais, daquilo que li e que senti a respeito do passado de Areia, assimilando as lições dos mestres do civismo e da cultura passada, cultuando os líderes espirituais que deixaram marcas bem profundas de sua passagem e procurando projetar religiosa e culturalmente essa comunidade. (TORRES, 1989, p.316).

Sentimos nas palavras do Padre a necessidade que ele tinha de ser uma pessoa de destaque assim como Areia teria sido e deixar seu nome gravado não só em placas de ruas, jornais antigos e em livros ou ser lembrado em um busto localizado na Escola Carlota Barreira, mas também na memória das pessoas desta cidade.

Neste capítulo foi interessante ouvir os entrevistados, através de seus depoimentos sobre o Padre Ruy, foi possível perceber o quanto à escrita da história é fascinante e como é construída no cotidiano das pessoas. Um mesmo período histórico é mostrado por duas fontes: escrita e oral com informações diferenciadas sobre uma mesma pessoa.

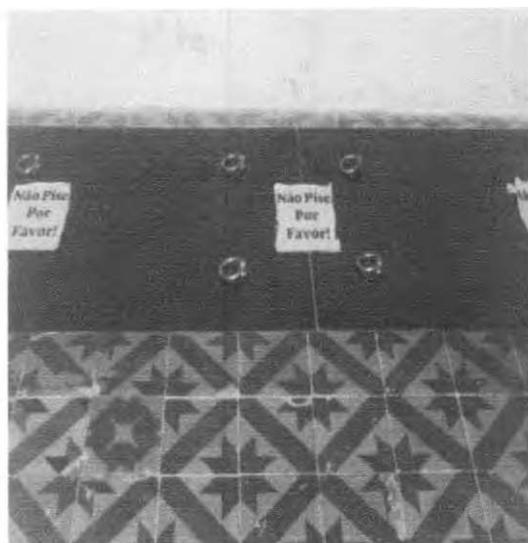
Ele mesmo sem ser mais vigário continuou morando em Areia, adquiriu uma casa em frente à Igreja da Matriz, ao adoecer ele parte para a capital e de lá só retornou a cidade quando morreu em 08 de abril de 2008, para ser sepultado na igreja da Matriz Nossa Senhora da Conceição em Areia.

Foto 16:



Imagem do velório de Padre Ruy no dia 08 de abril de 2008.

Foto 17:



Túmulo onde Pe. Ruy foi sepultado.

Considerações Finais

Ao longo deste trabalho podemos perceber que Padre Ruy foi um personagem presente no panorama cultural e social na cidade de Areia no século XX. Indivíduo atuante, professor, missionário, observamos em seus discursos e através da leitura feita das narrativas realizadas pelos biógrafos, que o padre cearense tinha traços de uma singularidade construída por seus admiradores.

Padre Ruy foi um indivíduo descrito nas narrativas como um ser humano desprovido de defeitos, dotado de qualidades únicas, um menino predestinado a se tornar um cidadão de destaque, através de suas obras religiosas. Arriscamos-nos a dizer que sua escolha religiosa foi influência familiar.

Padre Ruy devotou toda sua vida em Areia, e foi por meio desta e seu trabalho que ficou reconhecido por toda a Paraíba. De acordo com o material analisado, fica clara a importância que Padre Ruy atribuía as atividades sociais, educacionais, culturais e religiosas, especialmente nas tarefas executadas em favor das camadas sociais historicamente excluídas.

Quando começou sua atuação em Areia idealizou e executou vários projetos que visavam contribuir para a educação, criando várias escolas já que ele considerava a educação como o setor mais importante para a formação de um cidadão, uma instituição formadora da nação. Por isso, o padre alegava que sua obra mais importante era a escola Carlota Barreira.

Na questão social realizou várias obras que favoreceram os pobres, arrancando elogios de muitas pessoas por suas ações, como o de José Américo de Almeida, quando afirmou que “ninguém nesta terra serviu tão seguidamente à comunidade, à cultura, à instrução, tudo quanto pode elevar o nível social e moral de um povo”. E foi, no meio deste tipo de comentário e de outras narrativas que foi sendo construída a imagem de Padre Ruy.

No aspecto cultural idealizou o Museu Regional de Areia, com o objetivo de manter as tradições da cidade, conservando aspectos do passado dessa e da região, sobretudo, nomes de algumas “personalidades” que tinham sido expressão nacionalmente, contribuindo para que muitos desses momentos não ficassem esquecidos e pudessem ficar imortalizados no museu.

No setor político, apesar de não atuar, intencionalmente ou não, fez nome, porque estava sempre no meio da “elite” política para angariar fundos para desenvolver seu trabalho, muitas vezes, apesar de não admitir, tomava partido político, inclusive

chegando pedir voto para seus candidatos. Pelo trabalho desenvolvido foi considerado o melhor “prefeito” que a cidade já teve, sem nunca ter se candidatado.

Percebemos durante a nossa pesquisa que, Padre Ruy arrebatou elogios mais também descontentamento por parte das pessoas, no que diz respeito a sua postura diante de pobres e ricos.

Padre Ruy nas narrativas dos biógrafos foi uma pessoa de talentos e por isso predestinado a ser um religioso e a ter um futuro de conquistas, mas encontramos durante a nossa pesquisa, que ele era uma pessoa humanizada que tinha defeitos como qualquer outra e não apenas um ser com um destino preparado. Para muitos ele continuará sendo visto apenas como foi biografado por Torres, um benfeitor que fez muito pela cidade, e como Guedes, quando insiste em dizer ele era considerado com “Padre Ruy de Areia”, mas que agora podemos chamar de “Areia do Padre Ruy”, cujo nome está gravado e permanecerá em todos os corações. Para alguns uma pessoa que fez muito pela cidade, mas nem por isso deve ser abonado de seus pontos negativos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALBERTI, Verena. *Histórias dentro da História, Fontes Orais*. IN: *Fontes Históricas*, 2005.

ALBUQUERQUE, Aurélio. *Passagens, Pessoas e Cidades*, 1985.

ALMEIDA, Horácio de. *Brejo de Areia*. 2º ed. João Pessoa. Editora Universitária. UFPB, 1980.

BARBOSA, Luzia Freire, 72 anos. Entrevista concedida em 13-12-2008.

BORGES, Vovy Pacheco. “Grandezas e misérias da Biografia”. IN: Ferreira, M. de Moraes & AMADO, Janáina (orgs). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001.

SILVA, Ivonete de Castro Azevedo, 61 anos. Entrevista concedida em 10-12-2008.

DIAS, Benedita do Nascimento, 58 anos. Entrevista concedida em 27-12-2008.

GALZERANO, Maria de Lourdes Duarte, 73 anos. Entrevista concedida em 18-12-2008.

GUEDES, Maria Auxiliadora Carvalho e Silva. *Monsenhor Ruy Vieira 60 anos de sacerdócio e cidadania*, Editora: Imagens e Idéias, João Pessoa, 2005.

LEVY, Giovanni. Usos da Biografia IN Ferreira, M. de Moraes & AMADO, Janáina (orgs). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001.

MARTINS, Maria de Fátima, 51 anos. Entrevista concedida em 17-12-2008.

NÓBREGA, Evandro da. *Uma Homenagem ao Mons. Ruy com Epaminondas Araújo*, In GUEDES, Maria Auxiliadora Carvalho e Silva. *Monsenhor Ruy Vieira 60 anos de sacerdócio e cidadania*, Editora: Imagens e Idéias, João Pessoa, 2005.

RIBEIRO, Domingos de Azevedo. *Monsenhor Ruy Vieira: A saga de um grande vulto*. João Pessoa, Editora UNIPÊ, 1999.

_____. *Monsenhor Ruy Vieira: Pároco Emérito de Areia*. João Pessoa, Editora UNIPÊ, 2003.

REGO, Teresa Cristina & AQUINO, Júlio Groppa & OLIVEIRA, Marta Kohl de. *Narrativas autobiográficas e constituição de subjetividades*. IN: SOUZA, Elizeu Clementino (org). *Autobiografias, histórias de vida e formação: pesquisa e ensino*. Porto Alegre, EDIPUCRS: EDUNEB, 2006.

SANTOS, Nerivam Pereira, 28 anos. Entrevista concedida em 14-12-2008.

TORRES, Francisco Tancredo. *Areia Paróquia e Pároco 40 anos*, 1989.